

Diálogos entre identidade, cultura e identidade cultural a partir de escolas de música e suas práticas educativas

Dialogues between identity, culture and cultural identity based on music schools and their educational practices

Artur Jonas Marques Santos
Universidade do Estado do Pará
Belém-Brasil

Dra. Denise de Souza Simões Rodrigues
Universidade do Estado do Pará
Belém-Brasil

Resumo

Este estudo ora apresentado é parte da pesquisa de mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia e procura abordar a temática da identidade cultural, relacionando-a às práticas educativas expressas nas nove escolas de música da Ilha de Colares – PA. As considerações deste estudo encaminham a uma reflexão sobre essas escolas numa dimensão socioeducativa e cultural, percebendo essas práticas educativas como contribuição à formação de uma identidade cultural colarense. Ancora-se no campo teórico de autores como Brandão (2002), Canclini (1997), Cuche (2002), Hall (2000; 2006), Heritage (1999), Rodrigues (2010; 2012), entre outros.

Palavras-chave: Escola de Música no Pará; Identidade Cultural; Escolas de Música.

Abstract

This study now presented is part of the master's research in Education in the Graduate Program in Education at the State University of Pará, in the line of Cultural Knowledge and Education in the Amazon and seeks to address the theme of cultural identity, relating it to the educational practices in the nine music schools from Ilha de Colares - PA. The considerations of this study lead to a reflection on these schools in a socio-educational and cultural dimension, perceiving these educational practices as a contribution to the formation of a cultural identity in Colares municipality. It is based on the theoretical field of authors such as Brandão (2002), Canclini (1997), Cuche (2002), Hall (2000; 2006), Heritage (1999), Rodrigues (2010; 2012), among others.

Keywords: Music School in Pará; Cultural Identity; Music Schools.

Introdução

*Teu manto verde rasgaram
Às tuas praias chegaram
Todos vieram te ver
Todos queriam te conhecer
O teu tapete arenoso
Tuas noites escuras
Teu povo generoso
Sentem o chegar do progresso
Sentem que em ti tudo cresce*
(Trecho do hino de Colares)



Figura 01: Entrada da Ilha de Colares. Fonte: Acervo da pesquisa. 2018.

A Ilha de Colares – PA está localizada na região nordeste do estado do Pará, às margens da Baía do Marajó, pertencente à microrregião do Salgado. Localizada cerca de 100km de Belém, seu limite ao norte é a Baía do Marajó; ao sul, o município de Santo Antônio do Tauá; a Leste, o município de Vigia de Nazaré e a oeste, a Baía do Sol (Ilha de Mosqueiro). Possui uma população de aproximadamente 11 mil habitantes e uma extensão territorial de 613km² e traz uma história de emancipação política (1961), com apenas cinquenta e sete anos de fundação, quando foi desmembrada do município de Vigia de Nazaré.

Para chegar por via terrestre, saindo de Belém, é pelas rodovias BR-316, PA-140 e PA-238, atravessando o rio Igarapé-Miri na localidade de Penhalonga que pertence ao município de Vigia. A referida travessia ocorre aproximadamente em dez minutos em balsa que transporta veículos e passageiros, inicia às 5h30 da manhã e encerra os seus serviços às 21:00h.

Esta pesquisa surgiu a partir de um encontro realizado em 2016 na referida Ilha, para a apresentação e lançamento do livro intitulado *Saberes da Experiência, saberes escolares*:

diálogos interculturais, o qual aborda alguns saberes da região, como os religiosos, os poéticos, os ambientais e como esses dialogam com as escolas locais.

Na ocasião, pude ouvir de integrantes de escolas de música de diversas localidades ali presentes o quanto seria interessante destacar os saberes que circulam nesses espaços, pois tais escolas são tradicionais, quase centenárias, e podem ser encontradas em quase todo o município e consegui vislumbrar o quanto poderia ser gratificante o desafio de se pensar numa pesquisa a partir da realidade do *Outro*, entendendo-o como sujeito singular da Amazônia que não pode ser visto como mero objeto de pesquisa, e sim como um interlocutor desta, rompendo com esta ideia hegemônica da ciência.

Fares (2011) afirma que uma reconstrução do espaço, do lugar pode apresentar “produções escondidas”. Assim, verifica-se sobre os estereótipos de que para muitas pessoas numa escola de música não circula conhecimento. E que apenas estão, no máximo, causando um sem sentido para as comunidades que as integram ou circundam.

As culturas ditas populares, esquecidas, têm relevância nesta pesquisa, salientando que o Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PGED – UEPA) é um dos poucos programas que realiza estudos sobre processos e práticas de sociabilidades em espaços não escolares na Amazônia e possibilita traçar debates que amplie nossa concepção de educação fugindo ao tradicionalismo de restringi-la ao âmbito exclusivo da prática escolar, apontando saberes em diferentes contextos e que reconhece os saberes culturais de um determinado espaço e grupo, suas práticas educativas e meios de sociabilidade.

A ligação com as escolas de música

Ao chegar à Ilha de Colares para exercer minhas atividades docente e administrativa como funcionário público estadual, fui lotado na Escola Sede e participei de várias reuniões, juntamente com colegas de trabalho de toda parte da Ilha e para dar continuidade a nossos afazeres, deparei-me com a necessidade de visitar as localidades onde havia escolas estaduais, pois essas somavam quatorze e precisavam de suporte da Escola Sede, além disso, nunca ninguém havia realizado visitas pela zona rural devido às dificuldades de locomoção e financeira dos professores responsáveis em relação ao deslocamento para a sede do município.

À época, visitei várias localidades que proporcionaram conhecer várias escolas de música, pois várias alunas e alunos da rede estadual de ensino eram integrantes destas em sua comunidade ou adjacências, conforme o quadro abaixo:

Quadro 01: Localidades com Escolas estaduais e Escolas de Música.

LOCALIDADE	ESCOLA ESTADUAL	POSSUI ESCOLA DE MÚSICA
Sede	Dr. José Malcher e Norma Guilhon	Sim
Ariri	Magalhães Barata	Não
Jenipaua da Laura	Martinho Azevedo e Graziela Gabriel	Sim
Itajurá	São Benedito	Não
Santo Antônio de Colares	Luiz Gama	Não
Itabocal	Clotilde Bittencourt	Não
Piquiatuba	Princesa Isabel	Sim
Mocajatuba	Princesa Leopoldina	Sim
Juçarateua	D. Pedro I	Sim
Fazenda	Lucíola Brasil	Não
Jenipaua de Colares	D. Tadeu Prost	Não
Maracajó	Perpétuo Socorro	Sim
Candeuba	Jarbas Passarinho	Sim
Guajará	Barão de Guajará	Não

Das treze localidades citadas com escolas estaduais, seis possuem escolas de música. Mas é interessante ressaltar que em todas as treze localidades havia, e há ainda hoje, alunas(os) matriculadas(os) em escolas de música em localidades vizinhas, como exemplo, cito crianças e jovens da localidade de Itabocal que iam de bicicleta ou andando em grupo aproximadamente quatro quilômetros em piçarra alagada, para Mocajatuba ou Piquiatuba para participarem nas escolas de música Lira Nova ou anexo da escola Quinze de Agosto, respectivamente.

Outro exemplo, refere-se aos jovens das localidades de Fazenda e Jenipaua de Colares que se deslocam para a localidade de Maracajó percorrendo aproximadamente três a quatro quilômetros para participarem na escola de música Treze de Maio. Nesse sentido, reporto-me ao professor Robson¹ da escola de música 15 de agosto na localidade de Juçarateua que relatou sobre a fundação da respectiva escola:

¹ Robson (39 anos), atualmente é professor e regente da Escola de Música Quinze de Agosto na localidade de Juçarateua/ Colares. Foi iniciado na Escola de Música Lira Nova aos 14 anos de idade e já foi professor e regente na Ilha de Colares das escolas de música: Vereador José Queiroz Saldanha, Treze de Maio e Lira Nova. Além da Escola de música maestro Antonio Inglês, no município de Acará (PA) e outra em Oeiras do Pará (PA).

Foi em 15/08/2006. O pessoal fala que foi assim: como tinha a banda de música no Mocajatuba, né. A comunidade (de Juçarateua) tinha um desejo de... de... eles tinham alunos estudando, crianças... poxa como eles tem lá (em Mocajatuba) e a gente não consegue aqui. E isso já vinha de muito tempo tentando formar uma banda e tal. Aí, o padre Ronaldo Menezes conseguiu um projeto, é de uns instrumentos... ele conseguiu 27 instrumentos. Aí iniciou a banda através disso aí. Um desejo da comunidade. ²(Entrevista, dez./ 2018).

Assim, é das escolas de música das comunidades desta Ilha que me interessa falar, visto que elas podem se destacar por estarem inseridas em comunidades rurais, longínquas da região metropolitana de Belém e, mesmo assim, desenvolvem atividades há quase cem anos na região, mantendo todo o respeito de quem conhece seus trabalhos que, em sua grande maioria, tem à frente os mestres da comunidade que mediam saberes nas escolas de música há gerações, o que nos remete a uma história de tradição vinculada a estas escolas, “pois os mestres e alunos ‘carregam’ uma identidade comum no mundo da música que atravessa fronteiras e onde quer que se encontrem se comunicam como nunca deixassem de terem se falado” (Professor Robson, entrevista, dez./ 2018).

Contextualização das escolas de música na ilha de colares

A sede da Ilha de Colares é composta pelos seguintes bairros: Centro, Maranhense, São Francisco, Humaitá e Bacuri. A Ilha de Colares possui vinte e oito comunidades rurais, são elas: Genipauba da Laura, Maracajó, Mocajatuba, Juçarateua, Piquiatuba, comunidade quilombola de Cacau, Candeuba, Guajará e Aracê estas sete comunidades possuem escolas de música e as duas últimas estão as estruturando, segue as demais: Ariri, Fazenda, Jacaré mãe (ou Jacaremanha), Itabocal, Acapu, Ururi, Itajurá, Santo Antonio de Colares, Jenipaúba de Colares, São Pedro, Vila União, Santo Antonio de Taupará, Terra Amarela, Cumií, Ovos, Moga, Mãe Rita e Piquiateua.

Os ramais que dão acesso às localidades da Ilha de Colares são de piçarra ladeados por florestas ou matas fechadas sem iluminação pública ou acostamento que norteie o motorista. Quando chove a dificuldade aumenta, pois a água esconde buracos na estrada que podem fazer o carro, a moto ou a bicicleta atolarem e permanecerem por horas até passar alguém para ajudar, pois nestas localidades quase ninguém possui telefone fixo e o sinal de telefone celular é precário.

Abaixo segue ilustração de um dos ramais por onde passamos para chegar a algumas escolas de música, o que nos demonstra a dificuldade de acesso às localidades da Ilha de Colares.

² Os trechos de citação em itálico são procedentes da oralidade.



Figura 02: Ramal que liga as localidades de Santo Antônio de Colares e Itabocal.
Fonte: Acervo da pesquisa. 2018.

A seguir, apresento uma contextualização acerca do quantitativo das escolas de música na Ilha de Colares, as quais são atrações culturais que compoem a vida e o cotidiano do povo colarense visto que estão presentes nas mais variadas manifestações religiosas, datas comemorativas, cívicas e fúnebres.

a) Na sede do município:

- Escola de música Vereador José Queiroz Saldanha, fundada em 1948, pertencente à Associação Beneficente Prof. Luiz Gama.
- Escola de música Nova Harmonia, fundada em 21/09/2105, pertencente à Associação Artística Cultural Nova Harmonia.

b) E na zona rural do município:

- Escola de música Novos Talentos, fundada em 29/06/2005, pertencente a Associação Cultural Novos Talentos em Jenipaua da Laura;
- Escola de música Treze de Maio, fundada em 13/05/1997, pertencente à Associação Beneficente e Cultural Treze de Maio em Maracajó;
- Escola de música Lira Nova, a mais antiga, fundada em 15/11/1922, pertencente ao Clube Musical Lira Nova em Mocajatuba;
- Escola de música Professor Raimundo Nonato, a mais nova, fundada em setembro de 2019 na comunidade de Piquiatuba, e
- Escola de música Quinze de Agosto, fundada em 15/08/2006, pertencente a Associação dos Filhos e Amigos de Juçarateua (AFAJ) em Juçarateua, fundada em 23/11/1990, hoje com um polo na comunidade quilombola de Cacau.

Nas trilhas da pesquisa

À medida que os acontecimentos sociais evoluem, a vida cotidiana acelera e proporciona aos pesquisadores sociais uma multiplicidade de contextos e perspectivas sociais, tão inéditas que aquelas metodologias dedutivas tradicionais são insuficientes aos novos objetos que emergem nesta sociedade. Forçando, assim, a um maior número de pesquisas que se valem de estratégias indutivas, sem testes, prevalecendo aquelas que salientam as atividades humanas, sensíveis à fala ou à ação, por exemplo.

Assim, a pesquisa baseia-se na etnometodologia, a qual dá ênfase ao objeto estudado como produto da cultura local, considerando os sujeitos envolvidos como pessoas que têm saberes práticos para reconhecer e produzir culturalmente processos sociais. De acordo como expõe Heritage (1999, p. 323), “Essa ênfase na cognoscibilidade dos agentes, entretanto, privilegia a descoberta dos modos com que os agentes sociais analisam as suas circunstâncias e podem partilhar uma compreensão subjetiva dessas mesmas circunstâncias”. Do mesmo modo afirma Flick (2004, p.37):

São pontos cruciais, nessas suposições básicas, os fatos de a interação ser produzida em um modo bem ordenado e o contexto constituir a estrutura da interação, que é produzida, ao mesmo tempo, na interação e através desta. As decisões acerca do que é relevante para os membros na interação social só podem ser tomadas através de uma análise de interação, e não pressupostas *a priori*. O foco não é o significado subjetivo para os participantes de uma interação e de seus conteúdos, mas a forma como essa interação é organizada. O tópico da pesquisa torna-se o estudo das rotinas da vida cotidiana, em vez dos eventos dos eventos extraordinários conscientemente percebidos e revestidos de significado.

Dessa forma, para a etnometodologia e para esse estudo, o que prevalece não é se contentar apenas com o interesse particular de cada integrante das escolas de música, mas sim a forma de interação e organização no processo em que estão envolvidos. Essas táticas de enfrentamento expressam muito sobre a realidade vivida por essas alunas e alunos, pois estão num contexto com dificuldades onde a grande maioria tem que acordar às 4h ou 5h da manhã para tapar igarapé, ir para a roça, andar ou pedalar para procurar um “bico” para garantir a alimentação daquele dia. Mesmo assim não tira a vontade de frequentar as escolas de música e de pertencer a este grupo, além de driblar as intempéries que possam ocorrer.

As escolas de música na Ilha de Colares apresentam uma estrutura comprometida, seus instrumentos são poucos para o número de alunos matriculados, a maioria não tem bebedouros, algumas não possuem banheiros, nenhuma possui refrigeração em seus ambientes, não possuem salas acústicas, sala de estudo, salas de instrumentos, sendo que todas as escolas de música possuem apenas um grande salão onde se concentra todas as atividades da escola, como aulas, ensaios e reuniões.

Quando os alunos iniciam a prática no instrumento, um aluno espera o outro terminar de praticar para poder começar a estudar, pois alguns instrumentos, como no caso do trompete, são poucos para vários alunos, mas sempre conseguem dar um jeito de reverter a situação, pois foi possível verificar que há muita vontade de aprender. Assim, enquanto aqueles alunos estão com o instrumento, outros ficam a observar o manuseio, a forma de como carregá-lo, a atenção dada à aula dos colegas funciona como se fosse eles próprios e sem perceber criam uma sociabilidade inconscientemente, sua própria organização que será aplicada quando estiver com o instrumento em mãos.

Foi possível verificar em campo, também, que uma forma de percepção desses alunos e alunas de leitura da realidade em que vivem e como percebem seu contexto, principalmente diante de algum obstáculo, de uma dificuldade, é a criação de táticas de enfrentamento, demonstrando uma forma de inteligibilidade do real. Buscam uma forma de compreender o que está a sua volta, de compreender a realidade em que estão inseridos e por meio dessas dificuldades constroem ferramentas, meios, práticas de enfrentamento, criando-se educações, modos de educar, modos de aprender próprios.

Na pesquisa, foi utilizado técnicas de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de que os entrevistados coloquem os seus pontos de vista de uma forma natural, espontânea, ao contrário de uma entrevista padronizada onde se fecham as possibilidades de fluidez da entrevista. Assim, na observação ao discurso dos entrevistados tratarei com mais atenção percebendo o não-dito que tem um significado singular e grandioso que pode revelar muito para esta pesquisa. Conforme Orlandi (2005, p.82):

Na análise do discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra.

Atualmente, passamos por consideráveis mudanças sociais que incidem numa grande interferência na vida social e desse modo as pesquisas sociais deparam-se com novos horizontes a serem enfrentados. Para isso, esta pesquisa apoia-se numa perspectiva de uma abordagem qualitativa, respeitando e sendo sensível ao objeto estudado, conforme Minayo (2002) enfatiza:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

Algumas considerações

O que pude observar até o momento nesta pesquisa é que as escolas de música em Colares são compostas por jovens numa faixa etária de seis a vinte e três anos, com raríssimos componentes fora desta faixa.

Ao matricular as crianças nas escolas regulares de ensino, paralelamente, são matriculadas nas de música por seus responsáveis, o que demonstra uma forte identificação por parte de seus responsáveis com estas escolas, que por muitas vezes também participaram quando jovens.

Durante o percurso desta pesquisa, notei que as escolas de música são criadas a partir de comunitários e/ ou músicos que se formaram estudando em outras escolas da própria Ilha de Colares, fazendo circular todo esse saber musical por gerações, conforme afirma o Sr. Valderil³:

A banda de música Lira Nova, pelo tempo de existência eu considero ela pioneira no município de Colares, tá. Ela abriu as portas... ela abriu a porta para muitas comunidades, ela abriu a porta para muito jovens, senhores de outras comunidades, tanto é que, a escola da banda Lira Nova ela acolhia jovens de todas as comunidades, inclusive senhores, que vinham para cá aprender a música, porque também eles sonhavam um dia ter uma banda musical em sua comunidade, interessante que quando eu olho para trás só na minha geração, só no momento que eu passei diretor presidente, eu lembro que passou só do Juçarateua, que eu já até perdi a conta, passou para mais de 16 meninos que aprenderam aqui no Mocajatuba, inclusive que hoje são ou já foram regentes da banda de Juçarateua depois que eles criaram, veja bem eles aprenderam e foram semear lá na comunidade deles aquilo que eles aprenderam aqui na comunidade, a gente fica feliz. Tem também lá do Maracajó, porque hoje a banda de Maracajó ela existe? porque também muito desses jovens do Maracajó, inclusive muitos ainda estão lá, veteranos, mas estão lá, que também aprenderam aqui na banda de música Lira Nova. Fazenda, Jacaremanha, Piquiatuba... todos esses alunos vinham para cá aprender, quer dizer algumas comunidades, né? Já tiveram o privilégio de criar as suas bandas e outras ainda estão lutando. (entrevista, fev./ 2019)

Enfim, vale ressaltar que esses sujeitos empenhados na construção das escolas de música para suas comunidades são aqueles cuja identidade cultural é invisibilizada, sendo desconsiderados os seus saberes e espaços.

Assim, formação da identidade cultural através das escolas de música em Colares é uma constante, pois cotidianamente seus moradores mergulham no diálogo com os saberes de suas comunidades, numa perspectiva de enxergar seu espaço como um lugar de fomento para a constituição de uma identidade cultural e de resistências desses sujeitos *outros*. Enfatizando que a cultura não apenas os cerca, mas os envolve, conforme Oliveira (2015, p.78): “O Ser humano é criador de cultura em sua relação com o mundo, sendo, portanto, autor e fazedor da história e da cultura”.

³ Valderil (60 anos), atualmente é comerciante. Foi diretor presidente da Escola de Música Lira Nova na localidade de Mocajatuba/ Colares entre os anos de 1992 e 2013. Ingressou na referida Escola aos 14 anos de idade e se afastou após o seu último mandato como presidente.

Referências

- FARES, Josebel. Por uma cartografia da cidade: hologramas teóricos. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; TEIXEIRA, Elizabeth. **Caminhos metodológicos para a pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (orgs.) **Teoria Social Hoje**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP: 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. Curitiba, PR: CRV, 2015.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.
- RODRIGUES, Denise Simões. Identidades Culturais na Contemporaneidade: contribuições ao debate teórico-metodológico. In: FARES, Josebel Akel; RODRIGUES, Denise Simões (Orgs.). **Memória, imaginário e educação na Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2012.

SOBRE OS AUTORES

Artur Jonas Marques Santos

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - UEPA, na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Possui Graduação em Pedagogia e Especialização em Currículo e Avaliação na Educação Básica pela mesma Universidade. Atua na Secretaria Executiva de Educação Pará desde 1998. É pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia - SOCID e membro do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas - CUMA.

E-mail: arturjsantos40@gmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0902-5493>

Denise de Souza Simões Rodrigues

Concluiu o Doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará (2001). Foi Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará e atualmente é Professora Titular de Sociologia da Universidade do Estado do Pará. Atualmente coordena projeto voltado para a análise das relações entre a sociedade e a história da educação na Amazônia, com ênfase na segunda metade do século XX e pesquisa também as interfaces entre a Literatura e a Sociologia no processo de elaboração identitária na Amazônia. É membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire do CCSE/UEPA, e professora associada da ANPED e a SBHE.

E-mail: dssr@uol.com.br

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3271-1021>

Recebido: 31/08/2020

Aceito: 10/09/2020